

JÓ, OU O DIÁLOGO SOBRE A RAZÃO TEOLÓGICA

Jorge Pixley

Os leitores de *PERSPECTIVA TEOLÓGICA* recentemente tiveram conhecimento de meu comentário sobre Jó, no qual se procurava entender este livro extraordinário como um diálogo sobre o método da teologia(1). Sem pretender polemizar com o Professor Stadelmann, que não está convencido da validade desta leitura de Jó, gostaria de expor, em síntese, as razões por que ler este livro enigmático da Bíblia como um diálogo sobre a razão teológica. Como ponto de comparação, e sem pretender que haja uma conexão histórica entre os dois livros, recomendo que o leitor retire da biblioteca e se deleite com a leitura do diálogo de Platão denominado *Eutifrão*, que justamente em forma de diálogo (como Jó) trata o problema do discurso teológico. Isto o convencerá de que é possível tratar um assunto tão sério em forma de diálogo, e também que a ironia é um instrumento sumamente valioso, quando não indispensável, para abordar um tema tão escabroso. Também para Sócrates, em seu encontro com *Eutifrão* à entrada do tribunal de Atenas onde um chega para ser acusado e o outro para acusar, o problema da justiça nos assuntos humanos e divinos serve como trampolim para abordar o tema de maior interesse que é o do discurso teológico. Deixemos, porém, Sócrates e *Eutifrão*, para dirigir-nos ao monturo onde disputam Jó e seus três amigos.

Estrutura e integridade do livro de Jó

A unidade do livro de Jó não é evidente. Nas abordagens clássicas não se reconhecia este problema, por considerar somente as partes sem buscar a integridade do conjunto. Nos tempos modernos, os intérpretes reconhecem a radical disparidade entre os discursos poéticos do livro e o marco narrativo em prosa. A tendência tem sido interpretar em separado estes dois elementos. O Jó dos discursos é um rebelde que não vacila em lançar duras críticas contra seu torturador celestial, ao passo que o Jó do marco narrativo aceita o bem e o mal que Deus lhe dá. Os esti-

(1) Luís STADELMANN, *O Livro de Jó. A propósito de um "comentário bíblico latino-americano"*, em: *Persp. Teol.* 15 (1983) 407-412. Trata-se de uma resenha do livro de Jorge PIXLEY, *El Libro de Job. Comentario bíblico latino-americano*, Ed. SEBILA, San José (Costa Rica) 1982.

los literários das duas partes também são diferentes. Esta dualidade no livro tem-se explicado, na minha opinião, corretamente, por sua dupla origem. Um autor genial compôs os discursos poéticos de Jó, de seus amigos e de Javé, para inseri-los no marco de um conto popular já existente. De acordo! Não podemos, porém, dar o passo seguinte, de dirigir toda nossa atenção aos discursos, deixando de lado o relato. É um argumento desesperado supor que o poeta usou o conto somente para conseguir que passassem desapercibidas suas colocações heréticas(2). Parece-nos antes que, se este grande poeta usou o conto como ocasião para suas poesias, era porque lhe pareceu ser um bom veículo para seus fins.

Sem desconhecer a dificuldade real colocada pela heterogeneidade dos materiais que integram o livro, cremos que o exegeta não deve abandonar a globalidade do mesmo. Sem negar a diversidade genética do livro, cremos poder afirmar sua unidade como obra literária e teológica. Este ponto preliminar é decisivo para toda e qualquer leitura que façamos do livro.

Quanto ao gênero, Jó é uma narração dramática. Não se deve ver seu argumento como mera excusa para seus discursos. Estes, apesar de constituírem uma totalidade em si, contribuem para o conjunto dramático e não devem ser lidos isoladamente.

A ação dramática desenvolve-se em vários diálogos que se interconectam de uma maneira complicada. Usando a sugestão do Professor Lufs Alonso Schökel(3), imaginemos um teatro com um cenário construído em dois planos, dos quais o público observa a ambos, mas os personagens do plano inferior não sabem o que sucede no plano superior. Com este exercício mental poderemos facilmente captar as interconexões entre os vários diálogos que conduzem a ação dramática do livro:

1) No plano superior encontram-se dois personagens, Javé e Satã, que observam e discutem frente ao público os acontecimentos do plano inferior. Javé e Satã desencadeiam a ação com uma aposta. Satã aposta que a piedade de Jó é interesseira e se desvanecerá quando Javé deixar de dar-lhe todas as coisas boas do mundo.

2) Satã faz desabar sobre Jó, situado no cenário inferior, uma terrível série de calamidades. É importante para a ação subsequente que Jó não saiba nada da aposta e que o saiba o público, pois deverá tirar suas conclusões do que sucede. Os amigos de Jó, que também não sabem da

(2) Muitos autores modernos seguem esta linha. Está representada recentemente por John BRIGGS CURTIS em dois artigos: *On Job's Reponse to Yahweh*, em: *Journal of Biblical Literature* 98 (1978) 497-511; *On Job's Witness in Heaven*, em: *Journal of Biblical Literature* 102 (1983) 549-562.

(3) Lufs ALONSO SCHÖKEL, *Toward a Dramatic Reading of the Book of Job*, em: *Semeia* 7 (1977) 45-61.

aposta celestial, vêm consolá-lo. Uma boa parte do livro é feita pelos discursos que se dirigem Jó e seus amigos, discursos bem trabalhados que não se criam pelo prazer de construir um boneco de palha como adversário. O diálogo termina em amargas acusações de ambas as partes.

3) A Jó interessa menos o debate com seus amigos do que entabular uma contenda com Deus. Deus é seu adversário, pois Jó compartilha com seus amigos a convicção de que suas calamidades provêm do céu (o público sabe que nisso tem a razão, embora não suspeitem dos motivos de Deus). Jó não cessa de exigir de Deus que se faça presente e responda às suas acusações. Tudo culmina em um grandioso desafio no cap. 31. Por fim, Javé lhe aparece do meio de uma tempestade com discursos que parecem nada mais fazer que afirmar seu poderio. Estes discursos são importantíssimos, pois é a partir deles que se resolvem as complicações que o livro colocou, embora o público não entenda sem esforço o que está passando ante seus olhos.

4) Isto nos leva a um quarto diálogo do drama, de modo geral implícito, no qual o autor se apresenta ante um público desconcertado pela difícil ação que presenciou. Provavelmente devemos entender que o misterioso Eliú, que interrompe a ação com um longo discurso (caps. 32-37) em que trata de pôr as coisas em ordem, fala pelo público. Mas não consegue resolver os complicados problemas que o drama apresentou. O autor oferece então ao público os elementos para uma solução: a "conversão" de Jó, as palavras de Javé aos amigos de Jó, e as bênçãos que Javé derrama sobre Jó. O problema é como falar de Deus num mundo onde os acontecimentos não afiançam a existência de um criador e governador divino.

A disputa de Jó com seus amigos

No conjunto da obra, a aposta entre Javé e Satã tem uma função limitada. Ocasiona por um lado as calamidades de Jó e, por outro, informa ao leitor que estas são imerecidas. O resultado da aposta fica no ar, para que o drama baixe ao plano inferior onde se iniciara uma longa discussão entre Jó e seus amigos. Ao examinar esta discussão, convém não perder de vista nossa perspectiva privilegiada como público, que sabe como se desencadeou a desgraça de Jó. O autor informou-nos ao princípio de que Jó era justo, e Javé o confirmou em sua conversa com Satã. Nós sabemos a opinião de Deus neste ponto, coisa que nenhuma das partes no debate sabe.

Tudo se inicia com sete dias de silencioso acompanhamento, que têm o efeito de indicar a gravidade que todos atribuem à miséria de Jó, e quão profunda é a solidariedade dos três amigos com sua sorte. É Jó que rompe o silêncio, com uma longa maldição à vida (cap. 3). Expressa

o desejo de ter morrido no ventre de sua mãe.

Os argumentos principais dos amigos de Jó são apresentados por Elifaz já em seu discurso inicial:

1) A distância moral entre Deus e o homem é tão grande que jamais o homem poderá justificar-se diante de Deus:

Será o homem mais justo que Deus?

Será o varão mais puro que seu Criador?

Eis que em seus servos não confia,

e imputa erro a seus anjos,

quanto mais aos que habitam casas de barro!

(4, 17-19)

2) O que mais convém é aproximar-se humildemente de Deus:

De minha parte, eu a Deus recorreria,

e a Deus exporia minha causa

(5,8)

3) Mediante desgraças, Deus prova e corrige o homem:

O sim! feliz o homem a quem Deus corrige!

Não desprezes, pois, a lição de Saddy!

(5, 17)

Bildad, no seguinte discurso dos amigos, começa a insinuar que Jó cometeu maldade. Já que Deus é em princípio justo, somente assim se explica a miséria de Jó:

Acaso Deus torce o direito

Saddy perverte a justiça?

Se teus filhos pecaram contra ele,

já os deixou à mercê de seus delitos.

Mas se tu a Deus recorres,

e imploras a Saddy,

se és irrepreensível e reto,

desde agora ele velará por ti

e restaurará tua morada de justiça.

(8, 3-6)

O mesmo dirá Sofar:

Mas se tu endireitas teu coração

e estendes tuas mãos para ele,

se afastas a iniquidade que há em tua mão

e não deixas que more em tuas tendas a injustiça,

então levantarás teu rosto límpido,

te sentirás firme e sem temor.

A medida que avança a discussão, as acusações se tornam mais fortes, culminando na descrição do injusto feita por Sofar (cap. 20) que visa claramente ao próprio Jó. O resultado é desconcertante para o lei-

tor. Com paciência Elifaz, Bildad e Sofar escutaram os protestos de Jó e lhe recordaram, não sem certa temura, que Deus é justo e não castiga sem razão a seus filhos. Apesar de sua amizade e simpatia por Jó, a lógica de sua impecável teologia os levou a acusar a Jó de graves faltas, sem ter para elas evidência alguma. E o leitor sabe que a causa de sua calamidade foi justamente a confiança de Javé em sua integridade.

Jó em sua angústia acusa a seus amigos de abandoná-lo na hora da necessidade, defendendo a Deus seu adversário e para isso recorrendo a acusações falsas:

Vós não sois senão mentirosos,
curandeiros inúteis todos.

Oh, se calásseis a boca!
isso seria vossa sabedoria.

Ouvi meu argumento, rogo-vos,
atendei à defesa de meus lábios.

Em defesa de Deus dizeis iniquidades,
e por sua causa, falsidade?

Fareis acepção de pessoas em seu favor
e de Deus vos fareis advogados?

(13, 4-8)

Assim Jó despacha seus falsos amigos, que deixaram que a lógica do linguajar teológico os levasse a acusar, sem motivo, a seu amigo. Mais difícil para Jó é enfrentar-se com Deus, que o persegue sem causa:

Acaso sou eu o Mar, sou o monstro marinho,
para que ponhas guarda contra mim?...

Detesto [minha vida], não hei de viver para sempre;
deixa-me; só um sopro são os meus dias!...

Se pequei, que mal te fiz com isso,
guardião dos homens?

Por que me tomaste por alvo?

(7, 12-20)

São os teus dias como os de um mortal?

Teus anos como os dias de um homem?

— para que andes rebuscando minha falta,
inquirindo do meu pecado,

ainda que saibas muito bem que eu não sou culpado
e que ninguém pode livrar-me de tuas mãos!

(10, 5-7)

Também a linguagem de Jó é desconcertante. Abandonou a lógica do linguajar teológico, que fala sobre Deus a partir de premissas eternamente estabelecidas. À base de sua experiência empírica, acusa a Deus de persegui-lo sem motivo. Os leitores podemos entender e simpatizar com suas acusações contra seus falsos amigos; o que porém diremos da acusação de que Deus é um sádico? Esta cai fora das regras do

discurso teológico. Talvez, depois de tudo, Satã tivesse razão. Embora não nos deixe de inquietar que, segundo as motivações das calamidades que o autor nos apresentou, Jó tenha razão em acusar a Deus de perseguir-lo sem motivo.

A disputa de Jó com Deus

Jó encontra-se diante de Deus na difícil situação, tristemente frequente em nossa América, de quem sofre encarceramento sem que saiba as acusações que lhe são feitas. Mais ainda, um exame de consciência não revela mal algum. Para o leitor a questão é ainda mais grave porque sabe que Deus frente a Satã declarou Jó inocente.

Ainda que tivesse razão, não acharia resposta,
a meu juiz teria que suplicar! (9, 15)

Se se trata de força, é ele o Poderoso!
se de justiça, quem o intimidará? (9,19)

Ainda que me lave com águas de neve,
e limpe minhas mãos com lixívia,
tu me afundas no lodo (9, 30-31)

Argúe tu e eu responderei;
ou melhor, eu falarei e tu replicarás.
Quantas são minhas faltas e meu pecados?
Meu delito, meu pecado, faze-me sabê-los! . .
Queres assustar a uma folha que o vento leva,
perseguir a uma palha seca? (13, 22-25)

Piedade, piedade de mim, vós meus amigos,
pois é a mão de Deus que me feriu!
Por que me perseguis como o faz Deus,
e não vos saciais de minha carne? (19, 21-22)

Ante esta situação, Jó abandona as regras da linguagem teológica e ataca a Deus. Sabe muito bem que o risco é imenso porque em poder não pode competir com Deus. Porém crê saber o que é justo. E a justiça não é monopólio de Deus. Aferrar-se à sua inocência lhe dará um triunfo moral, se bem que não deixe de causar-lhe angústia sua vitória não ser conhecida:

Seria preciso grande força para disputar comigo?
Não, bastaria prestar-me atenção.
Reconheceria em seu adversário um homem reto,
e eu me livraria de meu juiz para sempre. (23, 6-7)

Pela vida de Deus, que me recusa a justiça,
por Saddy, que me amargurou a alma,
enquanto seguir em mim todo meu espírito
e houver alento de Deus em minhas narinas,
meus lábios não dirão falsidade,
— nem minha língua proferirá mentira!
Longe de mim dar-vos razão,
até meu último suspiro mantereí minha inocência. (27, 2-5)

Também Sócrates ante Eutifrão, embora com uma linguagem mais desapaixonada e filosófica, demonstrou que a justiça não pode definir-se como aquilo que os deuses amam. E se é assim, a justiça é uma corte de apelação superior à piedade. Sem ter dado uma definição da justiça, Sócrates expôs a fragilidade da definição de Eutifrão que seguia a lógica do discurso teológico.

Neste momento intervém Eliú, que não está unido a Jó com vínculos de afeto, e que expressa de uma maneira mais cruel a lógica da teologia já exposta nos argumentos dos amigos:

Olha, eis-me aqui, em lugar de Deus, como disseste,
também eu fui formado de argila.
Por isso meu terror não te espantará,
nem minha mão pesará sobre ti (33, 6-7)

Em verdade, Deus não faz o mal,
não torce o direito Saddy (34, 12)

Que Jó seja provado a fundo,
por suas respostas dignas de maivados.
Porque a seu pecado acrescenta a rebeldia...
e multiplica contra Deus suas palavras.. (34, 36-37)

Portanto, Eliú, um jovem teólogo que não tem, no caso presente, o intelecto obscurecido por laços de afeto, apresentou friamente o caso segundo a lógica desapaixonada da linguagem teológica. Em caso de conflito, Deus sempre tem razão. Eliú, como Eutifrão procura definir a justiça como aquilo que Deus ama, excluindo com essa definição que Deus e a justiça possam alguma vez entrar em conflito.

Afinal chega o momento desejado! Jó, seus amigos e até Eliú calam. O próprio Deus abre a boca. Javé manifesta-se em meio ao torvelinho e mostra ante Jó as grandezas de sua obra. Quem é Jó para competir com ele, que pôs as estrelas em seu lugar e criou os monstros Behemot e Leviatã, contra cuja força os homens não podem lutar? Javé investe contra Jó com todo seu poder.

O leitor fica novamente desconcertado. Que resposta é esta, pois Jó nunca duvidou do poder de Deus nem de sua própria debilidade? Pediu não um combate, mas uma discussão que expusesse as razões de sua desgraça. Deus não respondeu com razões, mas com poder. Que pode suceder agora? Jó poderia dobrar-se ante o poder de Deus, admitindo que a lógica do mundo real não admite razões. Neste caso, Satã e os amigos de Jó teriam tido razão e a força moral de Jó se desvaneceria. A "solução" não seria mais que psicológica, revelando a debilidade do ser humano, deixando porém sem solução os problemas levantados pelo drama. Um posicionamento firme de Jó, mantendo-se em rebeldia contra um Deus que não admite entrar em razões, também seria uma "solução" psicológica, mais simpática pela integridade titânica que Jó mostraria, mas igualmente deixaria não resolvido o problema de fundo. Pelo contrário, Deus poderia depois de tudo dobrar-se e admitir sua falta, falta que o leitor já conhece. Com isso se romperia a lógica do linguajar teológico, ficando este submetido à linguagem superior de justiça. Porém, como veremos, a chave de solução que nos dá o livro é um tanto mais complicada.

A chave de solução do livro

Unicamente Deus pode dar uma resposta ao problema levantado por Jó. Este aferrou-se à sua inocência, inocência que desde o princípio o próprio Deus reconheceu em sua conversa com Satã. Porquanto nós leitores estivemos presentes à cena celestial, não podemos dar a razão aos amigos de Jó, apesar da sua eloquência e sua sabedoria teológica. Tampouco podemos admitir que Deus se escape com as bravatas de seu discurso feito desde a tempestade. Se admitimos a hipótese inicial do livro, — e para efeitos da interpretação não nos resta outra alternativa —, Deus tem que responder aos reclamos de Jó. Fora dos horizontes do livro, podemos perguntar se é acertada ou não a hipótese da aposta celestial. Porém, uma vez admitida para efeitos de interpretação, e enquanto Jó insistia em uma resposta, nenhuma outra solução é viável a não ser uma declaração de Deus frente à situação. Estas considerações põem um grande peso sobre as palavras de Javé aos amigos de Jó. Aqui tem que estar a chave de solução do livro:

Depois de falar desta maneira a Jó, Javé disse a Elifaz de Temã: "Minha ira se acendeu contra ti e contra teus dois amigos, porque não falásteis corretamente de mim; como o fez meu servo Jó. Tomai, pois, sete novilhos e sete carneiros, ide a meu servo Jó e oferecei um holocausto por vós. Meu servo Jó intercederá por vós e, em atenção a ele, não vos farei mal por não terdes falado corretamente de mim, como meu servo Jó". Elifaz de Temã, Bildad de Suás e Sofar de Naamat fizeram como Javé lhes ordenara. E Javé atendeu a Jó.

(42,7-9)

A questão é saber falar corretamente de Deus e foi Jó e não os amigos quem o soube fazer. Jó, que acusou a Deus de persegui-lo sem motivo! Jó, que se afezrou à sua inocência, quem em sua longa ladainha de autodefesa (cap. 31) demonstrou um perfeito conhecimento de que a justiça é aquilo que defende a vida dos fracos, e quem não deixou de sustentar que havia agido com justiça! Jó não foi tão arrogante a ponto de negar deslizes, mas jurou que seu proceder geral fora reto. E, ademais, sustentou não ser evidente ter Deus atuado com o mesmo apego à vida dos fracos e, portanto, à justiça.

Os amigos não tinham falado corretamente de Deus, pois, tal como o disse Jó, defenderam a Deus com mentiras, acusando falsamente a seu amigo. Seu raciocínio foi que se Deus por definição é justo, o mal neste mundo tem que proceder de outro. A lógica de uma teologia que deduz suas razões de princípios gerais levou os amigos a trair sua amizade. E agora Deus os condenava por esta defesa anti-humana da divindade de Deus.

É evidente que o nosso autor pôs o problema desde o primeiro capítulo para que os amigos caíssem na armadilha. Com o fato de deixar Deus meter-se nessa aposta absurda com Satã, já estavam dadas as condições para que um homem íntegro como Jó terminasse por desmascará-lo, tornando falsa a argumentação teológica dos amigos. Quiçá surpreendemos nosso autor em uma manobra suja que falsifica seu belo livro.

Mas omitimos em nossa leitura alguns elementos. Depois da intervenção pomposa de Javé desde a tormenta, Jó se tinha arrependido, contrariamente a tudo o que havia dito que faria:

Eu te conhecia só de ouvir falar,
mas agora te viram meus olhos.
Por isso, detesto (?) e me arrependo
no pó e na cinza.

(42, 5-6)

Aqui há algo curioso, pois no parágrafo seguinte Javé dará razão a Jó frente a seus amigos por ter falado corretamente dele. Que detesta Jó (o texto hebraico não tem objeto) e de que se arrepende? Javé deve ter dito algo desde o torvelinho que era mais que as bravatas do valentão do bairro. E, com efeito, se voltamos ao discurso de Javé, encontraremos uma ironia que aprofunda a tese do livro:

Alguma vez em tua vida deste ordens à manhã,
indicaste à aurora seu lugar,
para agarrar a terra pelas bordas
e dela sacudir os malvados?

(38, 12-13)

Claro que não! Jó nunca disse ter essa capacidade. Mas, um momento... E Javé? Tomou Javé alguma vez a terra pelas bordas para dela sacudir os malvados de modo que o sol da manhã não os iluminasse? Javé está aqui dizendo mais do que aparenta dizer.

Quem abre um canal ao aguaceiro,
aos giros dos trovões um caminho,
para chover sobre terra sem homem,
sobre o deserto onde não há uma alma,
para empapar as soledades desoladas
e fazer brotar a erva verde na estepe? (38, 25-27)

Fazer chover no deserto? Para quê? Ademais, vezes há em que escasseia a água nos campos cultivados e morre a planta da qual depende o homem do campo e à qual inutilmente dedicou longas horas de fadiga. Quem fez chover no deserto? Javé, claro.

A asa da avestruz se pode comparar
à plumagem da cegonha e do falcão?
À terra abandona seus ovos
no solo os deixa aquecer-se;
se esquece de que pode amassá-los algum pé,
ou pisoteá-los uma fera selvagem.
É dura para com seus filhotes como se não fossem seus,
por um afã inútil não se inquieta.
É que Deus a privou de sabedoria,
e não a fez partícipe de inteligência.
Mas quando se ergue e se remonta,
ri-se do cavalo e de seu cavaleiro. (39, 13-18)

E essa? Deus criou um animal forte e veloz que não tem a suficiente inteligência para proteger a suas crias? Tudo isso Jó tem que considerar, culminando num desafio que Javé lhe faz:

Cinge teus rins como um bravo:
vou perguntar-te e tu me instruirás.
De verdade queres anular meu julgamento?
E para justificar-te, vais condenar-me?
Tens um braço como o de um Deus?
Reboa tua voz como a dele?
Eia, cinge-te de majestade e de grandeza,
reveste-te de glória e de esplendor!
Derrama a explosão de tua cólera,
com um olhar humilha o arrogante!
Com um olhar abate o orgulhoso,
esmaga no chão os malvados!

Enterra-os juntos no solo,
encerra seus rostos na prisão!
E eu mesmo te renderei homenagem,
pela vitória que te dá tua destra!

(40, 7-14)

Ainda há muito por fazer para endireitar os caminhos tortos deste mundo! Javé confessou, ainda que veladamente, as falhas em sua criação. (Não confessou sua estúpida aposta com Satã). Se Jó pode endireitar os caminhos tortos do mundo, Javé tira o chapéu diante dele e lhe cede seu posto. Resulta que o maior problema teológico não consiste em explicar como se originou um mundo onde nem tudo está em seu justo lugar. Todos temos nisto alguma culpa, inclusive Deus. Alguns mais, outros menos. Esse não é o problema. A questão é dedicar-se à tarefa de futuro, de endireitar o distorcido.

Jó, pois, se retrata de ter colocado o problema da justiça na forma de um pedido de explicação e não como um desafio a realizar. Tinha falado corretamente de Deus, mas não tinha dito o mais importante: que a justiça é uma tarefa na qual Deus e o homem têm muito que fazer.

Nós, os leitores, sabemos que o Javé do livro de Jó é culpado e que Jó é inocente. Mas isto não deixa de ser o resultado da maneira como o autor colocou o assunto, e carece de importância teórica. Importante, sim, é que a justiça tome primeiro lugar no discurso teológico. E todos, Javé, Jó e os amigos de Jó, concordam em que obras de justiça são as que asseguram a vida dos fracos. A teologia deixa de ser uma linguagem dedutiva sobre Deus, para proceder a partir das necessidades concretas da vida rumo ao céu. Conseqüência importante também é que a lógica da (correta) teologia é uma lógica escatológica orientada à reparação das distorções deste mundo. Um Deus desinteressado na salvação deste mundo, para que os fracos vivam, deve ser denunciado e combatido. Assim se fala corretamente de Deus.

Deste modo o diálogo de Jó colocou a maneira corrente, porém falsa, de falar de Deus e indicou que o caminho para uma teologia que não caia nestas armadilhas, é a prática de endireitar as tortuosidades do mundo com a fé de que Deus nos acompanha nesta tarefa salvífica.

(Tradução de Renito Werlang S.J.)

O autor, **Jorge Pixley**, de origem norte-americana e pastor batista desde 1963, passou a maior parte de sua vida na América Latina. Coursou seus primeiros estudos na América Central. Doutou-se em Estudos Bíblicos pela Faculdade de Teologia da Universidade de Chicago. Durante vários anos foi professor de exegese no Seminário Evangélico de Porto Rico e no Seminário Batista do México, bem como professor de História de Israel no Instituto Teológico de Estudos Superiores da Cidade do México. Entre suas publicações, destaquem-se *Reino de Dios*, Ed. La Aurora, Buenos Aires 1977; *El Libro de Job. Comentario bíblico latinoamericano*, Ed. SEBILA, San José (Costa Rica) 1982; *Éxodo. Una lectura evangélica y popular*, Co-edición CUPSA - CRT - CEE, México 1983.

Endereço: San Jerónimo 111 — Colonia San Angel — Delegación Álvaro Obregón — 01000 México-D.F. — México